

OS CAMINHOS DA LITERATURA INFANTIL ESCRITA POR MULHERES

Fernanda Roberta Rodrigues Queiroz*
Thales Nascimento Buzan**

RESUMO: Este artigo tem como finalidade abordar questões relacionadas à autoria feminina na Literatura Infantil, como a trajetória histórica dessa escrita, a abertura para debates, a desconstrução de estereótipos, a escrita feminina infantil do século XIX e a literatura infantil escrita por mulheres negras. Buscamos abordar, nesse contexto, a representação social da mulher e os caminhos para a escrita infantil junto com uma bagagem ideológica que proporcionou uma grande mudança desse campo literário.

Palavras-chave: Literatura Infantil. Autoria feminina. Gênero. Raça.

Introdução

Na virada do século XIX, houve o surgimento da literatura infanto-juvenil brasileira e o aparecimento de livros de autoria feminina – a publicação infanto-juvenil se destacou e tomou força. A literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina, fazendo com que as mulheres desfrutassem desse campo para se destacarem na escrita, já que a elas fora permitido escrever somente para esse público. Começaram a surgir várias publicações brasileiras para as crianças e muitas traziam, de forma discreta, uma dose de feminismo que só conseguia ser publicada se passasse despercebida aos olhos dos homens, que, muitas vezes, esquadriavam cada palavra escrita pelas penas femininas. Dessa forma, as mulheres foram beneficiadas com essa abertura, que só foi possível pois já participavam do processo educacional das crianças.

Para Schmidt (2014, p. 33), vivemos em uma sociedade cujo cânone é masculino, branco, ocidental, católico e heterossexual, no qual é importante marcar a voz feminina, a voz da criança, a voz negra, a voz africana e também a literatura infantil, suas múltiplas vozes e os seus universos e interesses. Isso se faz necessário e urgente, a literatura infantil tem feito o seu papel de abrir diversas discussões nesses campos.

Dentro da literatura infantil, reconhecemos um crescente número de publicações que dá voz às múltiplas facetas com discussões entre os leitores e com um relevante trabalho de conscientização. Esses textos direcionados ao público infantil colocam-se contra a intolerância e a discriminação, incitando várias discussões entre os críticos. Com esse crescimento de pesquisadores no campo, há também maior visibilidade para a escrita infantil e para seus textos e objetivos. Percebe-se, assim, um maior número de livros infantis publicados, quebrando padrões e abrindo argumentações entre esse público em formação.

As políticas de inclusão e respeito à diversidade têm provocado grande impacto na produção literária infantil, na qual aparecem diversas representações que provocam lutas e discussões, como o fato de ser mais novo ou mais velho, de ser índio, de ser negro, de ser mulher, de ser homem, de ser homo ou heterossexual, de ter esta ou aquela conformação

* Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestre em Letras: Literatura Brasileira pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora (CES/JF). Especialista em Neuropsicologia Clínica e Educacional pelo CES/JF. Graduada em Pedagogia pelo CES/JF, com habilitação em Supervisão Escolar e Administração Escolar. Professora da Prefeitura Municipal de Juiz de Fora.
E-mail: feferqueiroz@gmail.com

** Graduado em Letras: Inglês e Literaturas na UFJF e bolsista de Iniciação Científica (PIBIC) pela UFJF. Aprovado no Processo Seletivo 2020 do curso de Mestrado do PPG Linguística da UFJF.
E-mail: thales.buzan@letras.ufjf.br

corporal. Sendo assim, entre os anos de 1990 e 2000, pluralizaram-se as questões ligadas às etnias, à deficiência física e mental, ao gênero, à orientação sexual, à velhice e à obesidade.

A literatura infantil proporcionou um campo fértil de debates e vários livros infantis com esses temas foram lançados – as crianças, portanto, passaram a ter acesso ao que era pouco discutido até então, já que houve uma exteriorização de sentimentos e a elucidação das diferenças. Para melhor entendermos a função da literatura de autoria feminina e sua importância dentro da literatura infantil, é pertinente fazer uma breve exposição do significado da mesma nos contos tradicionais, como relata Soares e Carvalho (2014, p.76): “[...] para que possa melhor compreender o pano de fundo das releituras”. Essa literatura, como um todo, começa nos primeiros contos, que são os tradicionais.

A visão feminina e a desconstrução do passado excludente

Alguns contos representados por Perrault e pelos irmãos Grimm nos remetem a uma sociedade onde a centralização do poder era totalmente patriarcal e um papel secundário era relegado à mulher. Os contos de fadas atribuídos a Perrault tinham um objetivo moral direcionado às mulheres de sua época e, dentro dessa ótica, a mulher era preparada para o casamento e ao homem era concedido total controle sobre ela. Observando os contos de fadas desse período, essa afirmativa é confirmada com o total aprisionamento da princesa, como vemos “Rapunzel”, por exemplo, escrito pelos irmãos Grimm, “enraizada numa tendência cultural mais genérica a ‘prender filhas’ e protegê-las de aventureiros”. (TATAR, 2004, p. 109).

Perrault foi o primeiro a dar sentido à literatura direcionada para as crianças, sua versão era direcionada a transmitir um final trágico para as crianças, com princípios moralizantes, baseados em castigos nos quais os personagens morriam por serem desobedientes, como acontece com o clássico *Chapeuzinho vermelho* que, por ter desobedecido às ordens da mãe, quase morreu devorada pelo lobo. Na versão dos irmãos Grimm, a criança é apresentada aos leitores como um sujeito a ser formado por meio do castigo, embora sempre exista uma segunda chance. Como podemos observar, já existe uma evolução entre uma versão e outra e, assim, a história vai progredindo até chegar à coexistência de várias versões nos tempos atuais.

A intenção é que a criança tenha autonomia de estar presente nas histórias, podendo transformá-las a todo o momento, ressignificando-as, desconstruindo padrões pré-estabelecidos pelos antigos modelos patriarcais. Esse é o verdadeiro sentido da literatura infantil, poder transformar as histórias usando as emoções e vivências pessoais é poder caminhar dentro das histórias e explorá-las extensivamente.

Sabemos também que a origem desses contos populares era bem discordante dos contos apresentados por Perrault e os irmãos Grimm, pois eram histórias violentas e com alusões sexuais, algo bem distante do universo infantil. Esses contos de fadas que deram origem às histórias de Perrault e dos irmãos Grimm também sofreram ressignificações.

A sociedade patriarcal determinou, na vida das mulheres, os prêmios e os castigos, a depender de suas boas ou más ações, e essas características foram transferidas para a narrativa popular, segundo Soares e Carvalho (2014, p. 76). Eles nos alertam que as mulheres recebem castigos especiais, mostrando como o sexo feminino é manipulado na sociedade. Os autores fizeram uso de mitos em seus contos de fadas dentro de todas as culturas e esses mitos sempre tiveram o objetivo de preservar a base patriarcal e suas ideologias. Um exemplo disso são as conhecidas *Cinderela*, *Bela Adormecida* e *Chapeuzinho vermelho*, figuras que retratam a ingenuidade e a falta de proteção, pois são expostas aos perigos do mundo e sempre salvas por figuras masculinas.

Diversas autoras brasileiras, como Marina Colasanti e Ruth Rocha, iniciaram, a partir do final dos anos 1970, a ruptura com esse modelo de princesas dos contos de fadas tradicionais que representavam a opressão entre as mulheres. A literatura infantil também teve, e ainda tem, o papel de transformação da mentalidade distorcida que foi alimentada por esses mitos durante séculos. Romper com essas barreiras nunca foi tarefa fácil, mas a literatura infantil vem insistindo nesse aspecto e ajudando a modificar o modelo da sociedade patriarcal ainda tão enraizada na nossa sociedade.

Essas histórias ganharam, recentemente, outras versões bem mais interessantes com a quebra de modelos tradicionais presentes nos contos de fadas como, por exemplo, o roteiro do filme *Deu a louca na chapeuzinho* (2005), no qual temos uma inversão radical do tradicional conto de Perrault, em que Chapeuzinho não é mais uma donzela frágil, mas uma lutadora de karatê. Nessa versão, a vovó é radical, o lobo é bom e o vilão é o coelhinho da Páscoa (SCHMIDT, 2014, p. 28). A história é desconstruída por completa e a figura feminina se mostra forte o suficiente para resolver os problemas apresentados, pois tanto Chapeuzinho, quanto a Vovó se defendem e se livram do perigo.

Muitas outras versões surgiram desconstruindo as versões de Perrault e dos irmãos Grimm. A literatura infantil brasileira traz diversas publicações com esse escopo de desmontar as histórias ditas convencionais. O sentido da escrita para as crianças está aí, sair do conforto dos finais felizes e das meias verdades e deixar que elas conduzam a história idealizando suas fantasias e vontades.

Quando um livro é publicado, nasce um texto escrito por um autor e, quando ele é lido, a história se transforma dando características de acordo com a vivência do leitor. A criança tem o pensamento solto, ela necessita colocar o seu encantamento particular dentro dessa história e só assim podemos observar a literatura se concretizar.

Há a famosa representação das fadas como figuras de proteção materna e as bruxas e as madrastas representando personagens malvadas. Sendo assim, podemos definir que a imagem da mulher que o artista captou nessa época e que foi transmitida através do tempo para todo o público foi transformada (SOARES; CARVALHO, 2014, p. 76).

O século XIX e a escrita feminina

Voltando ao século XIX e seus desafios na escrita feminina, podemos observar um considerável aumento de escritoras de livros infantis, porém, as dificuldades em se colocarem como escritoras reconhecidas e livres para escrever ainda assolava a vida das mulheres que lutavam por essa liberdade.

A literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina, por ser destinada às crianças. Havia maior aceitação, por parte da sociedade patriarcal, dessa escrita por entenderem ser um campo educativo, ato que competia às mulheres o cuidado com as crianças. Lajolo & Zilberman (1985, p. 38) nos informam que houve uma grande produção escrita por brasileiras, com destaque para vários nomes, como os de Francisca Júlia, Júlia Lopes de Almeida, Adelina Lopes Vieira, Zalina Rolim e Presciliana D. de Almeida. Por outro lado, uma vertente de produções folclóricas também se estendeu dentro da literatura infantil e surgiram nomes como de Alexina de Magalhães Pinto.

Esse período foi muito significativo para a escrita feminina e para a literatura infantil, pois houve um grande avanço nos dois segmentos. As mulheres aproveitaram a abertura que tiveram e, mesmo sendo fiscalizadas pelos homens, publicaram diversos livros no campo infantil enquanto puderam escrever e assinar os nomes nos livros, que já era um ganho relevante para a escrita feminina ainda que, nesse período, fosse de cunho pedagógico e moralizante.

É sempre bom lembrar que, no século XIX, escrever não era um ofício destinado ao sexo feminino (MENDONÇA, 2014, p. 234). Havia um grande preconceito em relação às mulheres no que tangia sua autoria, seu livre pensamento e sua liberdade de expressão. Para Norma Teles (2008, p. 403), “à mulher era negada a autonomia, a subjetividade necessária à criação”. Pode-se observar que cabiam ao feminino somente os serviços domésticos e a obediência, portanto, expressar-se por meio da literatura era inconcebível.

Nessa trajetória em busca da liberdade na escrita feminina, Teles (2008, p. 408-409) nos relata um percurso de grande dificuldade percorrido pelas mulheres escritoras no século XIX, mas que no final teve um saldo positivo. As autoras puderam adquirir alguma autonomia para pensar em alternativas que as livrassem da autoridade que as aprisionavam. Escapar dos textos masculinos que as definiam como pessoas de pouco ou nenhum valor era o desafio desse século, entretanto, ainda assim, foi grande a produção literária feminina na época. Sair do ambiente masculino e de suas imposições dentro da escrita feminina infantil parece ter sido o maior obstáculo que as mulheres tiveram que vencer para se destacarem dentro dessa literatura. Consequentemente, criaram certa autonomia devido à insistência em ter sua escrita reconhecida e livre da intervenção masculina sobre as mesmas.

Ainda sobre o século XIX, Teles (2008) destaca que houve a redefinição do papel da mulher, passando de virtuosa colaboradora do marido e educadora dos filhos, para anjo do lar ou perversa, sempre inferior aos homens. Mesmo com todas essas condições, as escritoras galgaram um lugar de destaque na literatura brasileira, no entanto, eram, muitas vezes, criticadas e nem sempre bem vistas (MENDONÇA, 2014, p. 234). Algumas se arriscavam no mercado editorial, segundo Teles (2008), como Narcísia Amália de Campos, que escreveu sobre temáticas sociais, como a abolição da escravidão.

Foi uma época muito importante para as mulheres dentro da literatura e, mesmo com tantas dificuldades e entraves, conseguiram se destacar como nunca. Teles (2008, p. 424) nos revela que Narcísia Amália explicita a interdição à fala, interdição à escrita, interdição à poesia, no poema “Invocação”: “Quando intento livrar-me no espaço./ As rajadas em tétrico abraço./ Me arremessam a frase mulher”.

A autora expõe sua angústia na tentativa da livre expressão feminina na escrita. Esse poema representa um desabafo, pois as mulheres viviam repreendidas, mas as empregadas no campo literário representavam grandes conquistas, motivo pelo qual a luta precisava ser constante, sem trégua, exaustiva e, ao mesmo tempo, gratificante. Graças a todos esses movimentos, a escrita feminina vem se libertando desses fundamentos conservadores e, a cada dia, cresce em qualidade dentro da literatura infantil.

Para Mendonça (2014, p. 235), os versos das brasileiras no século XIX não eram somente inspiração poética, lírica ou social, e, sim, uma condição subalterna, pois não lhes era permitido falar sobre qualquer assunto. O silêncio da escrita que não podia ser publicada, muitas vezes, a tornou amarelada pelo tempo, dentro das gavetas, sem poder dali sair e se expressar para o mundo – centenas de páginas escritas pelo talento feminino se perderam assim. Algumas foram recuperadas e até mesmo publicadas, mas outras, infelizmente, ficaram perdidas no tempo.

Tivemos exemplos de mulheres que tentaram mudar esse panorama árido para a autoria feminina desde o início do século XIX no Brasil, período no qual muitas lutas foram travadas no sentido da libertação da mulher dentro da literatura. A escritora Nísia Floresta, por exemplo, fundou um colégio para meninas em 1838 na cidade do Rio de Janeiro, mas o colégio não foi bem aceito por alguns, segundo Mendonça (2014, p. 237). O jornal *Mercantil* publicou uma nota em 2 de janeiro de 1847 ironizando a situação ao afirmar que os “trabalhos de língua não faltaram; os de agulha ficaram no escuro. Os maridos precisam de mulher que trabalhe mais e fale menos” (DUARTE, 2010, p. 17).

As mulheres carregaram esse silêncio durante séculos, mantiveram um discreto enfrentamento e procuraram meios de adentrar a literatura com sua escrita. Por isso, é importante lembrar que a literatura infantil foi a conjunção que facilitou essa abertura.

Com tantas lutas, surgiu a possibilidade do magistério como trabalho a ser desenvolvido pelas mulheres, que as deram certa ascensão social, segundo Mendonça (2014, p. 237). A dedicação às crianças passou a ser um caminho para as escritoras, caminho esse sempre com grandes dificuldades, mas com avanços também. As autoras brasileiras que não podiam assinar suas produções literárias ganharam o direito de assinar os livros para as crianças, livros que poderiam ser identificados.

Temas como civismo, patriotismo, disciplina, obediência, caridade e honestidade, com personagens que apresentavam comportamentos considerados exemplares, passaram a ser característica moralizante nas histórias infantis, salpicadas de conselhos e que trazem disfarçadas lições sobre o povo brasileiro e a paisagem do Brasil (LAJOLO & ZILBERMAN, 1985, p. 32-40). Mesmo com a obrigatoriedade dos escritos nesses moldes do moralismo vigente na época, as mulheres escritoras precisavam pedir permissão para a publicação. Adelina Lopes Vieira e Júlia Lopes Vieira destacaram, no prefácio dos seus livros, o seguinte trecho: “nosso fito é a educação moral e estética; um desejo que, por ser bem intencionado, nos deve ser permitido” (VIEIRA & VIEIRA, 1910, p. 5-6 apud SANTOS, 2010, p. 63). Podemos observar que, graças a essas mulheres, a escrita feminina foi criando autonomia com o passar do tempo mesmo submetendo-se à permissão masculina, foi uma conquista relevante para a literatura infantil.

Os livros infantis, apesar de muitos terem a função de impor algumas normas aos leitores, reproduzindo modelos autoritários, às vezes atendem às crianças quando se utilizam deles como meio de acesso real (AVANCI, 2004, p. 2). Esses ainda possuem a perspectiva educadora no sentido de imposição do que é certo ou errado. Trazem, portanto, uma condição dogmática com objetivos repressores e, não obstante, ainda conseguem atender ao público infantil quando necessitam conhecer a realidade. Louro (2008, p. 67) relata que a linguagem institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e, sim, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas ao sujeito. Em outro aspecto, ele nos adverte que a distância entre a realidade que a criança vive e os textos dos livros infantis ainda se encontram relevantes. Esse é um cuidado que devemos tomar ao escolher os livros a serem trabalhados com as crianças, pois ao priorizar sua participação nessa escolha, tem-se certeza de que escolherão algo mais perto da sua realidade e interesse.

Os livros infantis atuais, em sua maioria, ainda são de cunho moral e pedagógico, porém muitas publicações já saíram dessa vertente. Atualmente, temos grandes produções de textos infantis com propósitos totalmente voltados para a linguagem que incentivam os pensamentos não consagrados pela sociedade e que trazem inúmeras possibilidades. Contudo, a maioria ainda falta abordar temas ligados à realidade de muitas crianças – a questão da figura feminina ainda está oculta em diversas agremiações.

Para Zilberman (1990, p. 2), a literatura direcionada ao público infantil não possibilita a resistência por parte das crianças e também não possibilita que recriem a realidade, pois a maior parte dos livros representa um discurso conformista que reforça papéis sociais pré-estabelecidos. Dentro dessa afirmativa, podemos reiterar que a escritora nos trouxe essa informação em 1990, mas, nos dias atuais, vinte e nove anos depois, esse cenário já se modificou, embora saibamos que ainda existam livros infantis com esses princípios. A literatura infantil teve um grande avanço nesses últimos anos e observa-se que as publicações para as crianças têm experimentado outros sentidos bem mais interessantes.

Patrícia Avanci também chama a atenção para algumas pesquisas feitas em bibliotecas que levantaram a questão de gênero após realizarem um levantamento de personagens que aparecem no texto ou nas ilustrações das histórias (2004, p. 2-3). Em uma prateleira de pré-

escola, a autora nos relata a nitidez da disparidade entre a quantidade de personagens masculinas e femininas presentes nas obras analisadas. Para surpresa da pesquisadora, foram encontradas 54 femininas e 91 masculinas. Dentre os tipos femininos, as meninas saem na frente representando 30% das personagens, em seguida estão as mães, com 18,5%. Outro fator relevante é que apenas quatro personagens representam mulheres na fase adulta sem nenhum vínculo familiar, apenas uma história traz uma mulher atuando profissionalmente como médica auxiliar. A autora nos chama atenção de que, embora os números sejam desanimadores, devemos observar que a mulher na literatura infantil brasileira começa a surgir de forma mais emancipada.

A questão da discriminação da mulher na sociedade é um fator já enraizado, mas vem perdendo sua força com o passar do tempo. Os trabalhos de conscientização dos direitos civis das mulheres têm colaborado muito com essa mudança e a própria literatura infantil apresenta uma categoria de escritores que estão na contramão desses preceitos. Alguns livros de literatura infantil trazem a imagem da mulher sendo ridicularizada e hostilizada, mas os livros atuais vão de encontro a essa tendência de transmitir valores estereotipados e de silenciar a voz feminina.

A estudiosa Patrícia Avanci vai além ao afirmar que se sente aturdida por observar que o gênero feminino não tem o real valor na literatura e nem nas escolas infantis. Isso se dá pelo silenciamento das vozes femininas tanto das escritoras e das ilustradoras, quanto nas escolas de educação infantil por meio da escolha dos acervos a serem trabalhados.

Dentro da questão do gênero feminino na literatura infantil, mesmo com todas essas evidências, precisamos admitir que a voz feminina tem crescido de maneira persistente. Ainda com a necessidade de evoluir mais, a literatura infantil atual começa a quebrar padrões e estereótipos. Há um grande número de obras escritas por mulheres que apresentam um conteúdo desconstrutor de toda a literatura opressora quando tratam das questões de gênero.

Desde os contos clássicos até as produções contemporâneas, a literatura infantil oferece uma variedade de personagens femininas, algumas delas se tornaram famosas e populares, como Emília, Gata Borralheira e Cinderela (SANTOS, 2009, p. 756) e, de fato, desde as produções clássicas até os dias atuais as histórias infantis apresentam personagens femininas. No início do surgimento dessas narrativas, as mocinhas apareciam frágeis e dependentes da figura masculina, sempre à espera de seus príncipes encantados em cima de seus cavalos brancos que sempre chegavam em momentos de apuros, salvavam a personagem, normalmente princesas, as desposavam e eram felizes para sempre.

Podemos afirmar que, dentro dos contos infantis, a representação da mulher foi, durante muito tempo, oprimida, discriminada, punida com castigos severos, principalmente se ousassem romper com os paradigmas instituídos. Por vários séculos, a mulher foi vista como um objeto a ser lapidado para obedecer tudo o que era pregado pela religião para satisfazerem as expectativas externas, principalmente a dos pais e dos maridos, que eram escolhidos pela família.

Na década de 1970, com o início de uma nova mentalidade, começam a surgir novas escritas, as princesas passam a sair dessa zona de conforto e dependência e passam a executar ocupações que antes eram designadas somente aos homens. Surgem os primeiros indícios da desconstrução desse papel submisso da mulher na sociedade dentro da literatura infantil.

A literatura infantil e as mulheres negras

Quando falamos da escrita de mulheres na literatura infantil e suas lutas para o reconhecimento e a liberdade na escrita, não podemos deixar de falar sobre a literatura infantil escritas pelas mulheres negras e os caminhos percorridos para que se afirmassem como escritoras. Shirlene Almeida dos Santos (2016, p.107-108) relata que nos navios negreiros,

durante as longas viagens, por vezes era consentido às mulheres um tratamento diferenciado para poderem viajar no convés do navio. Elas ficavam perto dos marinheiros a quem serviam sexualmente, sendo abusadas e estupradas. Eram retiradas a força de seu meio, da sua cultura, da sua condição humana, da sua família, de seus valores e de sua integridade física. Quando chegavam ao seu destino, ainda teriam que enfrentar a fúria das mulheres brancas que as enxergavam como ameaça, já que serviam sexualmente aos seus maridos. Em meio a esse caos, as poucas que tinham acesso às letras começaram a escrever. A escrita seria um refúgio, um alento para aquelas mulheres que se sentiam a todo tempo ameaçadas e longe dos seus costumes – muitas escritas eram desabafos dos abusos sofridos. A autora também relata que foi fundado, no Maranhão, o Quilombo da Fazenda da Lagoa Amarela com o objetivo de ensinar as crianças a ler e a escrever.

Santos (2016, p.109) relata a produção literária da mulher negra no período da escravidão como uma escrita repleta de vazios. Segundo a autora, havia silenciamentos e omissões. Muitos desses escritos se perderam e suas autorias foram omitidas, por isso muitas memórias ficaram esquecidas e, até hoje, esse acervo é de difícil acesso. Pensando nos dias atuais, em que esse silêncio ainda existe, as mulheres negras persistem em escrever para conseguirem reconhecimento em obras literárias. Suas verdades são expostas pelas autoras brancas, porém esse lugar de fala fica mais autêntico quando é de quem tem a vivência de sua escrita, já que quando produzem a escrita, conseguem se ver dentro dela.

Dando um exemplo bem recente, podemos citar Carolina Maria de Jesus, mulher negra e mãe de três filhos. Carolina estudou até o segundo ano primário e lia tudo que caía em suas mãos (SANTOS, 2016, p. 110-111). Como trabalhava catando papéis e latas, no lixo encontrou o insumo para escrever sua obra. Carolina denunciava as dificuldades da mulher negra para se tornar escritora. Ela nos conta, em sua obra, as agruras de se morar em uma favela que ela intitula de “quarto de despejo da sociedade”. Com sua escrita, ergueu a voz de mulher negra, mãe e sujeito de sua própria história. Costumava dizer que escrevia peças e as divulgava para os diretores dos circos e, como resposta, se deparava com a seguinte frase: “uma pena você ser preta”. A autora sempre adorou a sua cor de pele e seus cabelos. Dizia que o cabelo do preto era mais obediente do que o do branco: onde colocava, ele ficava, uma vez que o cabelo do branco era indisciplinado e afirmava que, se existisse reencarnações, ela gostaria de voltar sempre preta.

Carolina Maria de Jesus se tornou uma precursora ao exaltar a voz dos excluídos, da mulher, da preta e da favelada no Brasil. No início, não era reconhecida e nem ouvida, viveu toda uma experiência de vida de uma menina negra e solitária. As crianças negras são excluídas, deixadas de lado pela sociedade. Carolina sentiu na pele o peso da discriminação que uma criança negra sofre. Inserida no contexto social marginalizado, passou a ter plena autonomia e domínio da escrita.

Cristiane Sobral, em seu texto *A cor me fez escritora*, afirma que as pessoas tentam reproduzir o negro que elas acham que conhecem. Esta é uma ótima colocação, pois precisamos nos atentar em nossas escritas quanto ao respeito que devemos ao indivíduo que faz parte da história.

Santos (2016, p. 112) argumenta que o que distingue as representações das meninas negras estão presentes em duas obras, a primeira de Lia Zatz Tenka: *Preta, pretinha* (2007), e a segunda obra de Neusa Baptista Pinto, *Cabelo ruim?: a história das três meninas aprendendo a se aceitar* (2007). A autora nos conta que temos, de um lado, uma escritora branca abordando a solidão afetiva da menina negra e, do outro lado, tem uma escritora negra narrando o enfrentamento da menina negra face ao estereótipo de sua estética, seu cabelo, portanto uma mulher negra que escreve algo que lhe é real.

Sem querer levantar qualquer tipo de polêmica, precisamos respeitar o lugar de fala, pois corpos diferentes possuem experiências diferentes. Sabemos que uma escritora branca

pode e deve escrever sobre as negras, e vice e versa, mas essa não é a questão levantada, o que queremos exaltar é o respeito que devemos a quem vive a situação. A escrita literária da vivência é bem mais substancial do que a escrita de quem apenas a faz por meio da observação.

Na história de Lia Zatz Tenka (2007), *Preta, pretinha*, a autora aborda o isolamento de uma menina negra, a solidão afetiva que lhe é imposta devido à cor de sua pele. Para a mãe, essa situação se torna normal, pois ela muda os hábitos da filha para que a mesma seja aceita pela sociedade. Muda o modo de se vestir e alisa os cabelos, proporcionando à menina um sentimento de felicidade com a mudança em sua imagem. A mãe possibilita essa mudança na filha em busca de um laço afetivo com o sexo oposto. A proposta era embranquecer a filha para que ela pudesse despertar tal sentimento. A autora cria uma aparência branca, dando a entender que os signos brancos são os verdadeiros padrões de beleza – uma certa negociação de identidade.

Esses padrões pré-estabelecidos socialmente se tornaram uma verdade social, cabelos lisos representam o padrão de beleza estipulado por muitos. Hoje, a literatura infantil vem também desconstruindo esses estereótipos, há vários livros publicados que abrem a oportunidade de uma discussão acerca desse assunto, principalmente sobre os cabelos e seus padrões de beleza e sobre aceitação dos diferentes tipos, deixando uma margem para discussão a respeito do que é beleza e se ela possui padrões. Nessa fase do estudo sobre as diferenças, a literatura infantil teve um grande avanço, com excelentes publicações.

Já o livro de Neusa Baptista Pinto (2007) *Cabelo ruim?: a história de três meninas aprendendo a se aceitar*, a autora negra discorre sobre três meninas negras que descobrem ter cabelos crespos e se deparam com o preconceito. Uma delas afirma que também não gosta de seus cabelos e, por isso, sofre tamanha discriminação; a outra afirma que gosta de seus cabelos, porém, precisa de produtos químicos que os ajeitem; a terceira diz achar os cabelos bonitos, mas precisam ficar presos por serem muito volumosos. Se observarmos, as três, aceitando ou não os cabelos, colocam empecilhos no cuidado dos mesmos. No final da história, elas entendem que precisavam mudar o olhar sobre si, como um renascimento, um tornar-se negra, aprendem, assim, a cuidar de seus cabelos, havendo, portanto, a quebra do estereótipo em torno da estética negra. Assim, houve uma mudança na ordem social e relacional sem negociações, elas próprias se encontraram em seus contextos de origem e passam a valorizá-lo.

Santos (2016, p.114) faz uma excelente observação quando relata que, embora conheçamos o deslocamento literário, as mulheres brancas, na maioria das vezes, não se preocupam em pesquisar a representação da menina branca na literatura. A autora completa dizendo que isso se dá, talvez, porque consideram a brancura normal. A colocação é interessante e acrescentamos que também não vemos dentro da literatura infantil mulheres negras escrevendo sobre a representação das mulheres brancas, talvez seja pelo fato da urgência de usarem esse lugar de fala para aclarar algumas questões colocadas equivocadamente.

Para crítica literária norte-americana bell hooks (2013, p. 140), que assina seu nome com letras minúsculas para provocar o estranhamento, há uma curiosidade sobre a questão das mulheres brancas que escrevem teorias feministas com foco nas diferenças, pois não trazem a vida, o trabalho e as experiências das mulheres brancas como tema de seus estudos sobre as raças. As mulheres brancas ainda não entendem o sentido de serem brancas e não levantam a questão da representação em suas literaturas. A supremacia branca, que determina o seu *status* social, põe-se a explicar a negritude sem questionar de uma forma crítica a sua obra, ou seja, se ela tem origem em uma postura antirracista consciente. Aproveitam-se das obras das mulheres negras, que não eram relevantes no passado e agora servem de reprodução de paradigmas da serva senhora em sua atividade acadêmica.

A colocação da crítica, que também é negra, e está em seu lugar de fala, vem coberta por um desabafo de quem observa sua vivência sendo invadida por escritoras brancas, não que isso seja incorreto. O que bell hooks quer nos alertar é que, nesse lugar de fala, também deva existir mais pesquisas de escritoras brancas sobre as escritoras brancas, ou seja, que utilizem o seu lugar de fala para falar de si, das suas vivências, já que, quando falam das escritoras negras, não estão usando seu lugar de fala, ou seja, a autora acha relevante que existam mais pesquisas de mulheres dentro de seu contexto social.

Santos (2016, p. 114-115) também faz uma reflexão sobre essa questão e nos indaga: alguém a quem o racismo não afeta pode tecer discurso para a sua construção? Se as mulheres brancas ainda precisam entender o sentido de serem brancas, como podem lançar narrativas sobre as negras? Alguém que nem ao menos se conhece poderia representar o outro? Para a autora, essas questões precisam ser revistas.

À luz das reflexões de bell hooks (2013), podemos fazer uma observação sobre a obra *Bonequinha preta* (1938), escrita por Alaíde Lisboa de Oliveira. hooks observa que, nessa obra, podemos ver a relação serva-senhora, pois a figura do corpo negro é subjugada a uma pessoa branca, a menina branca é boazinha e a boneca preta, desobediente. A boneca é descrita pejorativamente como cor de carvão e a imagem negra aparece objetificada na figura do brinquedo, cuja dona é uma pessoa branca.

É necessário chamar atenção para o fato de essa obra ter sido escrita em 1938, época em que o preconceito e a falta de orientação ainda estavam impregnados na nossa sociedade – as pessoas achavam normal esse tipo de colocação. A literatura infantil tem um grande mérito na mudança de consciência sobre esses fatos, pois diversas autoras vêm desconstruindo esses estereótipos que hoje podemos chamar de ultrapassados.

Ao produzir a literatura infantil, segundo Santos (2016, p. 122), a escrita da mulher negra é diferente, pois traz no corpo a negritude e a experiência do racismo e usa desse corpo para destecer o modelo pré-estabelecido pela sociedade. Quando a mulher escreve, segundo a autora, pensa em sua mãe, irmã, amiga, vizinha, seu povo e nas meninas em geral.

A estudiosa Elaine Showalter (1994) discorre sobre a crítica feminista na Literatura de Autoria Feminina. Showalter compreender a produção textual das mulheres na contemporaneidade. Para ela, a crítica feminista é ideológica e está associada à mulher como leitora, considera a imagem da mulher na literatura e seus estereótipos e tem como disfunção a obsessão em rever, criticar, suplantar a teoria crítica masculina. A autora acrescenta que isso atrasa o investimento da mulher na escrita, na construção de sua teoria crítica, que representa a segunda forma de crítica feminista, que está relacionada à mulher como escritora. A escritora preocupa-se com as omissões apresentadas nos escritos sobre a mulher, mostrando que a leitura feminista pode ser uma ação intelectual de libertação. A crítica feminista é revisionista, reivindicativa e tem como objetivo decodificar e desmistificar perguntas e respostas disfarçadas entre texto, sexualidade e gênero.

É de suma importância a leitura crítica feita por mulheres para que haja uma reflexão capaz de modificar os tópicos estabelecidos no texto, pois é uma forma que a mulher encontra de rever as colocações que o texto traz, principalmente em escritas masculinas sobre mulheres, já que a mulher está no seu lugar de fala. Faz-se importante desconstruir crenças que compõem a imagem feminina de uma maneira frequentemente equivocada e, nas palavras de Peter Hunt (2010, p.14), para se obter um bom trabalho com a literatura direcionada às crianças, se faz necessário, em última instância, a crítica coerente e judiciosa.

Atualmente a produção da escrita negra na literatura infantil está se mostrando mais expressiva, ainda há um longo caminho a se percorrer, mas os ganhos com as atuais publicações nos permitem um grande campo de conhecimento antes não conhecido ou talvez ignorado pela crítica.

Concluimos que a escrita infantil contemporânea das autoras da nova geração se mostra independente, consolidando o compromisso com o padrão estético do que se espera da linguagem, fugindo da imitação de modelos pré-estabelecidos e exercendo uma função libertadora dentro da escrita infantil. Tal fato permite diferentes tipos de releituras em relação aos papéis sociais os quais as crianças vivenciam, em seu cotidiano, sempre engrandecendo o “outro lado” dos contos, provando, de forma concreta, o crescimento da aplicação do verdadeiro sentido da literatura infantil – ser libertadora e livre de conceitos.

THE PATHS OF CHILDREN’S LITERATURE WRITTEN BY WOMEN

ABSTRACT: The aim of this study is to approach issues related to female authorship in Children’s Literature, such as its historical paths, the possibility of debates, the de-construction of stereotypes, the 19th century children’s literary texts written by women, and Children’s Literature written by black female authors. In this particular context, our goal is to address the social representation of women and the paths of children’s literature along with an ideological background that has provided a great change in this literary field.

Keywords: Children’s Literature. Female Authorship. Gender. Race.

Referências

AVANCI, Patrícia. *Retratos da mulher na literatura infantil: desigualdades de gênero em uma pré-escola*. Monografia (Pedagogia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

DUARTE, Cônstancia L. *Nísia Floresta*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Massangana, 2010. Disponível em: www.dominiopublico.com.br. Acesso em: 16 maio 2019.

hooks, bell. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: história e histórias*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 19, n. 2, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pp/v19n2/a03v19n2.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2019.

MENDONÇA, Simone Cristina. Mulheres e educação no Brasil do Século XIX. *Polifonia*, Cuiabá, v. 21, n. 30, p. 228-241, jul-dez, 2014.

OLIVEIRA, Alaíde Lisboa de. *A bonequinha preta*. São Paulo: Lê, 1938.

PINTO, Neusa Baptista. *Cabelo ruim?: a história de três meninas aprendendo a se aceitar*. Cuiabá: Tanta Tinta, 2007.

SANTOS, A. do N. *Pátria, nação, povo brasileiro na produção didática de Manoel Bonfim e Olavo Bilac*: Livro de leitura (1899) e Atravez do Brasil (1910). São Paulo, 2010. 122f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2010.

SANTOS, Salete Rosa Pezzi dos. *Literatura infantil e gênero: subjetividade e autoconhecimento*. *Conjectura*, Caxias do Sul, v. 14, n. 2, jul./dez. 2009. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/view/21>. Acesso em: 18 abr. 2019.

SANTOS, Shirlene Almeida dos. *Do silêncio à caneta: a escrita da mulher negra na literatura negro-brasileira*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

SCHMIDT, Aline Van Der. *Entre, coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil de Angola de Ondjaki*. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

SHOWALTER, Elaine. A crítica feminista no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. p. 23-57.

SOARES, Livia Maria Rosa; CARVALHO, Diógenes Buenos Aires. *A representação da menina e da mulher no conto de fadas moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti*. Teresina: Signo, 2014.

TATAR, Maria. Introdução. In: _____. *Contos de fadas: edição comentada e ilustrada*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

TELES, N. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2008. p. 401-442.

TENKA, Lia Zatz. *Preta pretinha*. São Paulo: Biruta, 2007.

ZILBERMAN, Regina (org.). *A produção cultural para a criança*. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1990. (Novas Perspectivas, 3).

Data de submissão: 01/06/2019.

Data de aceite: 30/08/2019.